OBSERVAÇÕES

SOBRE A DIVINDADE QUE OS LUSITANOS CONHECERÃO DEBAIXO DA DENOMINAÇÃO D'ENDOVELICO.

POR

D. ANTONIO DA VISITAÇÃO FREIRE.

As investigações scientificas sobre as Antiguidades de hum Povo, ao mesmo tempo que offerecem grandes attractivos á curiosidade dos espiritos illustrados, envolvem excessivas difficuldades em satisfaze-la. Nenhuns obstaculos forão porêm bastantes a desanimar os espiritos indagadores, quando a Europa deixou de ser tão barbara, que se persuadio, que o melhoramento da nossa especie estava essencialmente ligado á cultura dos nossos entendimentos. No impulso geral, que pelo renascimento das Letras a Europa sentio para ganhar illustração, vemos que a nossa historia litteraria nos deixou neste genero de conhecimentos grandes modelos, e importantes estimulos para a imitação. Os illustres nomes de Barros, de Gouvea, d'Affonso de Beja, de Rezende, de Barreiros, e de Estaço com muitos outros, que ou os tinhão precedido, ou os seguírão, mostrão que a mesma Patria, que nos seculos XV. e XVI. produzio heroes, que a immortalizárão para toda a duração da especie humana, offereceo igualmente sabios não menos immortaes, que os seus guerreiros.

Mas se tamanha consideração se deve a estes nomes celebres, he mais pela gloria de vencer as terriveis barreiras, que dividião a luz da sciencia das trevas da barbaridade, do que pelas luzes effectivas, que provierão dos seus importantes esforços. Porêm a perfeição he filha da paciencia, e do tempo.

Não se admire pois, que se nos deixassem tantas fadigas, quando se trata de adquirir os mais tenues conheci-

mentos sobre o estado dos primitivos homens, que habitárão a Lusitania.

O desconhecimento d'analyse, a indifferença sobre o estado comparativo das Linguas, o desprezo das indagações etymologicas, o espirito de systema, a prevenção pelas opiniões tradicionaes dos Gregos, e Romanos embaraçavão o entendimento em qualquer tentativa, que podesse esclarecer as nossas primeiras antiguidades.

O tempo que tem melhorado os methodos, desvanecido grandes prevenções, facilitado huma combinação mais variada, mais ousada, e mais recta, tem inspirado igualmente tanto maior confiança, quanto são maiores os nossos recursos: assim poderão agora estes mesmos motivos diminuir a minha temeridade, quando me proponho offerecer á contemplação d'Academia observações novas sobre hum objecto das nossas antiguidades, que o genio de Rezende, com a modestia propria aos grandes homens, julgou superior aos seus illustres trabalhos.

Tal he o conhecimento de huma das Divindades, que os Lusitanos adorárão debaixo da denominação d'ENDOVELICO, conhecimento tanto mais interessante por nos illustrar sobre o culto dos Povos, que nos precedêrão na terra que habitamos, como por dar hum assumpto quasi ignorado dos antigos Escritores nacionaes, e estrangeiros.

Tinha corrido mais de ametade do seculo XVI., quando hum Principe ornado de todas as virtudes proprias da sua grandeza, hum Principe, que singularmente a realçava pela decidida protecção, com que favorecia os progressos do entendimento, hum Principe, que deixára em especial recommendação aos seus Reaes descendentes tão relevantes virtudes, o Snr. D. Theodosio I. Duque de Bragança, querendo reunir em Villa viçosa todos os Monumentos d'antiguidade, que o tempo tinha poupado, e que se achavão dispersos em differentes sitios d'Alemtejo, e onde havião existido as mais notaveis habitações dos Lusitanos, fez trazer de Terena oito Lapides, cujas inscripções erão por diversos motivos consagradas a ENDOVELICO.

O nome d'ENDOVELICO era novo a todos os sabios, que se tinhão cançado neste genero de indagações. O illustre Rezende, depois de aventurar huma conjectura de que elle mesmo parecia não contentar-se, desanimou hum grande numero de Philologistas, que então contava a nossa Patria. Houve

comtudo Diogo Mendes de Vasconcellos assás conhecido na nossa historia litteraria pelas suas addições, e pelos seus Commentarios a Rezende, que expressamente desapprovando a conjectura deste celebre escritor, que suppunha ser ENDOVELICO huma divindade local de alguma povoação deste nome, aventurou talvez huma supposição mais arbitraria, entendendo ser ENDOVELICO hum Deos particularmente destinado a proteger a extracção das armas, que ficavão introduzidas nos corpos, que erão por ellas feridos nos combates.

Houverão ainda outros Antiquarios daquella idade, que seguindo a rota batida das etymologias gregas, reputárão ENDOVELICO huma Divindade synonyma do Deos TERMINO Romano. Os poucos escritores estrangeiros, que se occupárão deste objecto, não derão mais convincentes soluções. La Clede principalmente que os cita, e que os desapprova, não parece fundamentar melhor as asserções, com que pretende fazer passar ENDOVELICO pelo Deos do Amor.

Com effeito no silencio absoluto dos Escritores Gregos, e Latinos, que nos conservárão os poucos conhecimentos, que existem da primitiva Lusitania, na falta de monumentos semelhantes aos que em Terena se descobrírão, com que poderião formar-se comparações luminosas, o raciocinio não pode deixar de correr o risco de extraviar-se em conjecturas pouco plausiveis.

Qualquer pois que seja o successo das minhas observações, ellas são unicamente o fructo de huma combinação reflectida sobre assumptos analogos, do estado comparativo de algumas linguas, e do conhecimento de alguns escritos, que parecem destinados a fazerem huma epocha notavel neste genero de descobrimentos.

Antes que as muitas e variadas colonias do Oriente se estabelecessem nas Hespanhas, já nellas vivia hum Povo, que em razão da sua grande anterioridade poderia denominar-se indigena. Povo pela maior parte nomade, dividido em tribus, mas pouco differençado em usos, em linguagem, em culto, povo por multiplicadas relações comparado com os antigos Germanos, de que Tacito nos deixou hum quadro tão natural como filosofico.

Estas relações não apparecem unicamente entre as Hespanhas e a Germania; mas entre as Gallias, a Britannia, os Pictos, a Hibernia, e todo o paiz ao Oriente do Elba: n'huma palavra em quasi toda a Europa, quanto mais remotamente

se considera, tanto maiores são as analogias de hum a outro Povo. Os Escritores modernos os reconhecem na sua generalidade debaixo do nome de Celtas.

A caracteristica geral destes povos era a sua linguagem, linguagem, cujas filiações ainda que tão complexamente embaraçadas pela influencia do clima sobre a alteração das radicaes, e pelas falsas analogias, que os genios sofisticos introduzírão na organização dos termos derivados, e compostos, ainda hoje depois de tantos seculos, e entre os paizes os mais remotos mostra aos espiritos attentos hum parentesco mais intimo do que n'outro tempo se imaginára. Esta linguagem pois nas suas origens tão identica, e depois tão prodigiosamente alterada, o veio a ser ainda mais nas povoações littoraes da Lusitania pela successiva emanação das colonias Fenicias, e Carthaginezas, porêm ainda mais particularmente pelas que lhe provierão da pequena, e magna Grecia. Neste tempo os Gregos, que procedião dos Asiaticos combinados com os Celtas-Thracios, ou Pelasgos deverião trazer á nossa Peninsula, com costumes mais civilizados, huma linguagem mais complicada. A identidade das origens pareceo perdida. A linguagem das nações coloniaes encheo-se rapidamente de pleonasmos, isto he, as nações que ultimamente chegavão, impunhão nomes novos aos objectos que dos indigenas já os tinhão recebido. Cada idea foi exprimida por dois vocabulos. A estas mesmas circunstancias deve Portugal o seu nome. A ignorancia dos Romanos fez dar á entrada do rio Douro o nome *Portus*, que já dos Celtas o havia no nome de *Cale*. O estudo da Geographia, e da Mythologia dos Antigos offerece repetidos exemplos de pleonasmos, ou homonymias semelhantes.

Desta sorte fazendo a analyse do nome ENDOVELICO podemos observar na sua terminação á latina hum nome celtico-phenicio, que os Romanos modificárão segundo a indole da sua linguagem. Nome donde extrahida a terminação se encontrão duas radicaes *End* e *Vel*, cujos valores cumpre determinar.

A radical *End* destinada pelos seus elementos necessarios na linguagem geral de todos os povos primitivos, e ainda hoje mesmo de todos os povos do Norte da Europa, e da Asia até ao mar do Japão a significar o Ente-Principio, conserva huma prodigiosa filiação, em que variando as vogaes pela influencia do clima se acha sempre exprimindo a Di-

vindade, ou os objectos sensiveis, que o sabeismo adoptou como symbolos della.

As circunstancias em que he repetida esta Memoria não me permitte desenvolver agora por exemplos repetidos esta verdade, cujas consequencias podem servir a manifestar as homonymias de muitas Divindades de nomes dissemelhantes, mas aonde as propriedades são identicas. Convirá porêm observar, que em todos os primitivos Povos, em que o sabeismo era dominante, o verbo que exprimia a acção geral, ou a existencia activa, exprimia igualmente o *Ser-Principio*, ou a causa universal da natureza. Tal era o sentido da inscripção, que os Egypcios gravárão em Sàis no templo de Isis = Eu sou tudo o que he, jámais mortal algum penetrou a travez o meu véo. =

Nas taboas numismaticas das antiguidades d'Hespanha de Velasquez se acha huma medalha com o symbolo d'hum joven-Deos imberbe com attributos que podem convir ou a Apollo, ou a Marte. A sua legenda he em caracteres Bastulos, e a radical *En* designativa da Divindade. Radical que depois se transformou em applicações a Divindades reputadas subalternas, ou a particulares attributos do Ente-Principio, taes o *Iule* dos primitivos Getas, o *aisos* dos Etruscos, o *Esus* dos Gaulezes, o *Zeus* dos Gregos, que os Latinos pronunciárão *Deus*.

A mesma radical *End* designando *Dominus*, e *Deus* se conserva nos preciosos restos da linguagem Celtica, que as Hespanhas conhecem com o titulo de Vasconço, na Armorica, no *patois* do Languedoc, assim como em todo o resto dos povos, que menos corrompido tem o Celtico, do que nos fornece provas não suspeitas o Glossarium de Ducange, com o Diccionario Celtico de Bullet.

Com o nome de *End*, e de *Endros* foi adorado Baccho na Beocia, e Jupiter em Rhodes pelos adoradores do Sol, figurado na primavera debaixo do emblema do Toiro, e no outomno no da Serpente, segundo hum testemunho igualmente não suspeito de Hysichius.

O mesmo *End* no sentido de *Divus* servio a ornar muitas inscripções que nos restão dos monumentos Gregos, quaes algumas medalhas monogrammas d'Alexandre, assim como outras consagradas á illustração de Cidades celebres na Asia menor. Documentos colligidos sem espirito de systema pelo Allemão Rasche.

Na mesma accepção se applicou *End* aos Soberanos Gregos que reinárão nas differentes Monarquias formadas sobre a partilha das conquistas de Alexandre. Depois adjectivada esta radical fórmou o termo Endoxus, cuja applicação a grandes personagens não ignorão os homens versados na Litteratura Grega.

Assim na linguagem dos primitivos Lusitanos, e no seu conceito mythologico *End* devia significar a Divindade mais notavel do paiz, ou a Divindade por excellencia, identica talvez ao Deos sem nome, de quem diz Strabão = *Estes; e os outros povos, que lhe confinão ao Norte adorão o Deos sem nome no tempo da Lua cheia.* = Deve-se observar que a radical *Vel*, ou *Bel*, que se acha reunida a *End*, significava huma Divindade igualmente havida por suprema entre as Nações mais diversas d'Antiguidade.

Nós a encontramos frequentemente em todos os Povos da Asia: as adorações dos Babylonios ao seu *Belus* já conhecido como Deos, já como Heroe, assim como entre os Gregos Hercules era já Deos, era já Heroe, tem assás notoriedade. Os nossos Livros Sagrados nos mostrão igualmente *Belus* como Divindade particular aos Cananeos, e aos Syros debaixo do nome de *Baal.* As nações Celticas tem o nome de *Belenus*, ou de *Beel sama*, nome identico áquelle que Sanchoniaton diz que os Fenicios davão á sua primeira Divindade, segundo as primevas tradições gravadas sobre as columnas de *Tot.* Tal he o testemunho que Eusebio de Cesarea nos conservou no Liv. I. da Prepar. Evangel.

Ainda que *Bal*, ou *Beel sama* pudesse ser desde longo tempo conhecido aos Celtas antes dos estabelecimentos coloniaes dos Fenicios nas Hespanhas, muitas conjecturas induzem a julgar, que foi este povo já civilizado, e commerciante quem trouxe o seu culto ao Occidente. Nós o vemos principalmente diffundido nas escalas que elles mais prezavão. Ilhas, cidades, rios por onde os Fenicios particularmente traficavão, tiverão a denominação de *Bal*, ou *Bel.* Estes povos, que depois se estabelecêrão na Lusitania com o nome de Turdulos, e de Turdetanos tinhão de necessidade o communicarem intimamente com os indigenas, quando se entranhavão no interior do paiz para a exploração das Minas, para o córte das madeiras de construcção, para a colheita do mel, e do *coccus ilicis*, ou kermes, que tanto se prezava entre os antigos, e que os Hebreos parece haverem

mesmo conhecido debaixo do nome de *Sola*. Os Fenicios desta sorte misturados com os indigenas em razão do commercio, achavão povos de hum culto tão simples, como era a sua vida, simplicidade que no testemunho de Strabão os fazia passar por homens que não adoravão alguma divindade. Sendo o nome que a exprimia hum nome nimiamente geral, e abstracto, pois *End*, que significava o Ente por excellencia, tinha applicações individuaes menos honorificas, qual devia ser n'huma linguagem pobre. Era de necessidade então, que a estes povos incultos os Fenicios nos seus ritos inculcassem respeito para com o seu Deos por excellencia, e que ao nome de *End*, que já para com os Celtas exprimia a Divindade, se ajuntasse o de *Bal*, ou de *Bel* segundo os dialectos de que cada Povo usava.

Esta conjectura tomará nova probabilidade quando se considerar a influencia, que os Carthaginezes tiverão na Peninsula; e quanto era o respeito que elles tributavão a *Bal*, ou *Bel*. Segundo as suas tradições nacionaes Belus tinha sido o pai de Elissa ou de Dido edificadora de Carthago, assim como outro Belus tinha sido o primeiro Rei dos Assyrios, e mesmo hum Belus pai de Danaus Egypcio era havido na mesma consideração que Jupiter. Cicero diz que entre muitos Hercules ou divindades emblemas do Sol, o quinto se denominava Belus, ou Hercules solar da India. Assim os Carthaginezes distinguírão todas as suas grandes personagens com o nome de *Bal*, daqui os nomes de Maharbal, de Asdrubal, e de Annibal.

De quanta facilidade não foi pois nestas circunstancias reunir duas radicaes exprimindo singularmente cada huma a mesma idea, e não alterando os seus valores depois de reunidas? As analyses etymologicas offerecem milhares de exemplos semelhantes. Os Romanos porêm pouco versados neste genero de indagações reconhecêrão provavelmente nesta reunião das duas radicaes ou em *Endovel*, que elles á sua maneira pronunciárão *Endovelicus* huma divindade local, e estrangeira aos seus Deoses, como fizerão com as divindades Asiaticas, Gaulezas, e Germanicas, que tantas relações tinhão com as de Roma. Defeito geral a quasi todos os Escritores Latinos apezar dos seus vastos conhecimentos, quando examinão o culto das Nações, que elles chamavão barbaras. Macrobio merece com tudo nesta parte huma excepção honrosa.

Mas se por *Endovelico* entendêrão os Celtas Lusitanos a sua divindade primeira, não he facil determinar n'hum povo ligado ao sabeismo aonde os Astros e os Planetas são o objecto do culto, aonde as variações Astronomicas transformão as variedades das invocações dos Deoses, e a natureza das suas festas, qual era o Astro, qual o Planeta, ou qual o periodo Astronomico que tinhão a primeira adoração na Lusitania.

O genero de vida dos habitantes, a sua conformidade com as nações Scythas, o testemunho dos escritores, o nome d'*Endovelico*, parece tudo reunir-se á opinião que a Divindade primaria para estes povos era aquella, a quem os Romanos chamárão Marte. Strabão diz positivamente dos Lusitanos = *Hirco maximè vescuntur, quem et* Marti *immolant, sicut, et captivos, et equos.* =

Esta passagem luminosa mostra aos conhecedores da doutrina mystagogica dos Antigos, que este Marte era o Sol equinoccial da Primavera, morada, e sublimação do Planeta Marte, a quem Achilles Estacio denomina o Planeta do Hercules solar. Os Egypcios igualmente derão a Marte o nome de Hercules oriental. Os Caldeos, e os Pontifices Romanos, diz Macrob. Liv. 8. Saturn. lhe chamavão positivamente Hecules equinoccial. He nesta posição que se reputava exercitar a sua principal influencia, he por este motivo, que se fez preceder ao mez, que começava o anno dos Persas, dos Syrios, e dos primeiros Romanos, que conservavão o kalendario Etrusco attribuido a Romulo, de quem se reputava Pai, e Deos, assim como era havido por Deos entre todos os povos Scythas, dos quaes diz claramente Pomponio Mella = *Mars omnium Deus* = Lib. 2.º Cap. 8.º 1., e Tacito fazendo orar hum Embaixador Germanico = *Præcipuo Deorum Marti grates agimus* = Lib. 4. § 64.

Varrão attesta que os Romanos o adoravão antes do tempo, em que aprendêrão a dar aos seus Deoses fórma humana, e que fossem distinctos por nomes particulares. Figurava-se então Marte, diz elle, por huma lança, assim como entre os Scythas por huma espada. Era nestes remotos tempos que Marte devia ser tambem unicamente denominado pelo vocabulo geral e indefinido de *End* ou Ente por excellencia. Os Romanos disserão que Marte tinha por irmã Bellona, cujo destino, e poder era igual a Marte. Na Asia menor tinha hum culto particular. Os Gregos a denominavão *Bellena*, no-

me quasi synonymo do Bellenus Celta, ou do seu Deos Marte, que nós vimos, que elles chamavão igualmente *Bel*. Em Roma mesmo no templo que ella tinha junto á porta Carmental, aonde o Senado dava audiencia aos Embaixadores, era denominada *Bellica*, cuja analogia com a terminação de *Endovelico* he patente.

Marte nos he pintado por Luciano como joven, e imberbe, qual o vemos na medalha Hispanica de Velasques, com a inscripção de *End*, qual se acha em muitas pedras gravadas, e principalmente na bella estatua de Villa Ludovisi em Roma.

Taes erão as caracteristicas com que a Antiguidade pintava a juventude do Sol equinoccial da Primavera, idades florentes em que elle brilha com todas as graças do tempo depois dos trabalhos da infancia. em que os antigos o suppunhão debaixo do nome de Harpocrates.

He desta sorte que no planispherio de Bianchini Marte se vê corresponder aos dois primeiros Decanos do mez que segue o equinoccio da Primavera. He neste tempo que Herodoto nos refere as solemnidades de alegria que o Egypto consagrava a Marte. As festas porêm dos Lusitanos não podião ser senão tradicionaes, pois que o conhecimento da natureza cosmica dos Astros Deoses só pertencia ás nações cultas.

Os animaes que segundo o testemunho de Strabão, os Lusitanos sacrificavão a Marte, dão huma nova prova que o seu culto era ao Sol equinoccial debaixo da denominação de *Endovelico*.

O bode, e o cavallo forão para todos os povos, onde a theoria do sabeismo era conhecida, os genios Paranatellonicos do Sol no equinoccio da Primavera. Os Scandinavios, que principiavão tambem o anno deste equinoccio, denominavão o seu primeiro mez Tor, que o Kalendario Sueco diz ser correspondente a Marte, ao qual os Assyrios davão igualmente o nome de Tor, diz Cedreno. Dois bodes precedião sempre o carro de Tor, porque era ao signo de Tauro, que correspondia então o equinoccio, e o nascimento desta constellação equinoccial era precedida do nascimento Heliaco do cocheiro celeste com os seus bodes, os quaes a mythologia Grega converteo nas cabras de Amalthea, que tinhão servido á nutrição de Jupiter. Na introducção á historia de Dinamarca diz Mr. Hallet que se via na Universidade de Upsal huma estatua de Tor da mesma maneira allegorizada. Na

antiga Cosmogonia do Edda le-se que o carro de Tor era puxado por dois bodes. Rudbek na sua Atlantida não deixou de notar a analogia entre Tor e o Jupiter Ægiochus ou Pan dos Gregos. O exame de hum globo celeste justifica estas posições já de longo tempo observadas por Hipparco. Outra constellação que tambem devia ter immediatas relações com *Endovelico*, ou com Marte equinoccial he o Pegaso, ou o cavallo celeste. Todos os povos Celtas, cujo culto era semelhante ao dos Lusitanos, reputavão o cavallo consagrado a Marte ou ao Sol. Os Persas, diz Xenofonte na Cyropedia, offerecião em holocausto cavallos ao Sol. Os Hungaros d'huma religião semelhante aos antigos Persas, mas sem templo nem imagens, fazião o mesmo, diz Poultier. Agathias dá dos Alemães o mesmo testemunho. O mesmo se fazia na Grecia. Herodoto no fim da Clio diz dos Massagetas, que a sua divindade era o Sol a quem sacrificavão cavallos, porque era razão, dizião elles, sacrificar ao mais veloz dos Deoses o mais veloz dos animaes. Segundo a authoridade de Ovidio no Liv. 3.º dos Fastos, os Pontifices de Roma mandavão celebrar as festas das carreiras dos cavallos sobre as bordas do Tibre em honra de Marte no dia das nonas de Março, dia em que elles fixavão o nascimento Heliaco do Pegaso, pois que dalli principiára o anno de Romulo filho de Marte, ou começára a carreira solar. He tambem neste tempo em que o Pegaso he o Paranatellon do Sol, e que este Astro sobe ó Equador para a parte Boreal do mundo, he que Hercules na serie dos seus trabalhos passou ao Norte para atacar as Amazonas nos paizes boreaes, e gelados dos Cimmerios. A rainha das Amazonas era Hippolyta, nome do grego Hippos, que significa o cavallo. Ainda mais, Hippolyta era filha de Marte, ou do Sol equinoccial da Primavera. Hum testemunho porêm de maior força nos dá Theon, pois entre varios epithetos dados ao Pegaso, ou cavallo Apollineo, ou solar, elle o designa com o nome de cavallo de *Endos*, sendo esta radical tão significativa de Marte, com a radical de *Bel*, ou *vel* sua synonyma, de que se organizou o nome até agora desconhecido de *Endovelico*.

He desta sorte que julguei dar alguma luz a hum dos objectos mais obscuros e menos examinados das nossas primitivas antiguidades. No vasto Oceano de tão remoto tempo não posso gloriar-me de haver talvez lançado a ancora da verdade. Mas pela serie destas analogias os grandes escolhos

talvez forão evitados. Se a Academia assim o julgar, poderei em outras conjuncturas procurar a honra de apresentar-lhe novas observações sobre o antigo culto, e estado da nossa Lusitania; e procurando desta forma ampliar o horizonte dos conhecimentos humanos na nossa Patria, cada hum dos Portuguezes se tornará digno de aspirar á gloria dos sabios que a honrárão.

El antiguo templo del Dios Endovelico, cree Resende y los mas Antiquarios Portugueses, que estubo situado en la Parroquia de Terenna 8 leguas distante de Evora, y 1½ al poniente del Guadiana. De el no se reconocen vestigios algunos, pero se muestra el sitio á donde dicen que estubo, un quarto de legua mas abaxo de la villa, sobre la margen izquierda del rio llamado Terenna ó Lucifece; y se algunas señales se pueden descubrir, son unicamente los cimientos de una hermita erigida â N. Sr.ª con la advocacion das Boas-Novas: fabrica, á mi parecer del siglo 13 ó principios del 14 por la fórma de los arcos de la bobeda, y por las puertas, que son apuntadas. Esta capilla tubo en doble objeto, esto es, el de dar culto en ella á la virgen, y el de servir de defensa contra los enemigos que pudiesen introducirse por un vado del Guadiana que, por aquella parte, se pasa muy bien en verano. Me dá motivo a esta congetura, el ver que la parte superior de esta capilla es una plataforma ó azotéa á la qual se sube por un estrecho caracól, cuya puerta cerrada no es posible al enemigo trepar á la dicha azotéa que está guarnecida de almenas, y sobre las puertas tiene unos balcones volados y cerrados por delante y abiertos por abaxo para arrojar combustibles, saetas, y piedras, sobre los que intentasen forzar las puertas. Estos balcones estan sostenidos de canecillos de marbol blanco que no es comun en el pays, y que es verosimil fuesen del antiguo edificio.

El plan del moderno es una cruz griega ó de quatro brazos iguales, el ancho de cada uno de los quales puede ser de 8 baras portuguesas: y esta forma poco comun en el tiempo en que se fabricó la de que vamos tratando, es la razon que tengo para sospechar si fue erigida sobre los cimientos del antiguo templo de Endovelico: bien que tampoco la dicha forma es comun en templos gentilicos.

Dentro del actual, y en el sotabanco del altar mayor, al lado del Evangelio, se halla embutida en el macizo de la pared, una piedra de marmol de Extremóz de 12 pulgadas de alto, y de 8 á 9 de ancho, con la siguiente inscripcion:

SIYNIA QF
VICTORINA
IX VISVQSI
ONIIIQVIISIRI
PATRISVIVI EN
DOVEIIICORO

En la parte anterior de la capilla y esquina que mira al Medio dia, hay otro pedazo de piedra de Extremóz en que se conserva parte de otra inscripcion; y es la siguiente:

ENDOVEL
LICO SACRVM
TERENTIA CF
STATVA

El nombre de Lucifece dado á este rio me hace sospechar si habra sido tomado de la Divinidad á que se daba culto en su margen. Lucifece se aproxima bastante á Luciferi, y este era el nombre con que se conocia el Lucero ó Estrella de Venus en S. Lucar de Barrameda, á donde tenia un templo, que se vé acuñado en las medallas de este pueblo: y asi puede ser muy bien que el Dios venerado en Terenna baxo el nombre de Endovelico, fuese el Hespero ó Lucero; sin que me repugne el que el nombre de Lucifero se hubiese dado al Sol ó á otra qualquiera divinidad luminosa; y aun me acuerdo que en la Disertacion sobre el Dios Endovelico que hace muchos años imprimio en Madrid el Academico de la Historia D. N. Pastor, decia que Endovelico en lengua Celtica, valia lo mismo que el que está dentro del cielo; y esto conviene a Apolo ó al Sol.

Lisboa 26 de Enero de 1801.

Joseph Cornide.

Inscripciones del Dios Endovelico existentes en la muralla del costado del Convento de Agustinos Calzados de Villaviciosa, y no en el frente como dicen Resende y el P. Florez. Copiólas D. José Cornide en 14 de Noviembro de 1798.

NOTA.

Acompañan las variantes de Resende, y se ayuntan otras que publicó D. Miguel Pastor en la Disertacion publicada el año de 1760 sobre el Dios Endovelico, y que dice le comunicó el P. Florez, como recibidas de dicho Convento de Agustinos.

1.ª Es un cipo de vara de alto de piedra marmol; y dice:

DEO ENDO VEL
LICO SACRVM
BIANDVS CAI
IIAL. RVFINAI
SERVVS
A. L. V. S.

2.ª Está en otro cipo semejante, y dice:

ENOBOLICO
TVSCA
OLIA
TAVRI F.
.PRO. QVINTO
STATORIO
TAVRO M
V. A. L. S

3.ª *Copia de Cornide.*

DEO ENDO VELLICO SAC
IVNIA FLAMINA VOTO SVCCE
ELVIA MIEAS. MATER FILIE
SVE VOTVM SVCCEPTVM
ANIMO. LIBENS POSVIT·

Idem de Resende.

DEO. ENDOVELLICO. SAC.
IVNIA. ELIANA. VOTO. SVCCE
PTO. ELVIA. YBAS. MATER.
FILIÆ. SVÆ. VOTVM. SVCCE
PTVM. ANIMO. LIBENS.
POSVIT.

Está en una piedra de 3 quartas de largo y 2 de ancho.

4.ª Es otro cipo; y dice:

ENDO VELLI
CO SACRVM
EX RELIGIONE
IVSSV NVMINIS
POMPONIA
MARCELLA
A. L. P.

Cornidé *Resende*

La 5.ª está en otro cipo, y es como sigue:

DEO. ENDOVEL	DEO ENDOVELLICO.
LICO PRAESTAN	PRAESTANTISSIMI. ET PRAESEN
TISSIMI ET PRAESEN	TISSIMI NVMINIS
TISSIMI NVMINIS	SEXTVS COCCEIVS CRATERVS
SEXTVS COCCEIVS	HONORINVS. EQVES. ROMANVS
CRATERVS HONORE	EX VOTO.
NVS. EQVES. ROMA	
NVS. EX VOTO.	

Resende	*Pastor*
1.ª ENDOVELICO	ENDOVELLICO
ALBIA	ALBIA
IANVARIA	IANVARIA
. . . .	
Lapis fractus	

Siguen las de Resende.

2.ª . . . ENDOVELLICO SACRVM
MARCVS IVLIVS PROCVLVS
ANIMO LIBENS VOTVM
SOLVIT.

3.ª . . . D. ENDOVELLICO SA.
AD RELICTICIVM. EX
T. NVMIN. ARRIVS. BA
DIOLVS. A. L. F.

4.ª . . Q. SERVIVS Q. F.
PAP. FIRMANVS
VOTVM DEO ENDOVELLICO
S. L. M.

5.ª . . ENDOVELLICO
CRITONIA MAXVMA
EX VOTO PRO CRITONIA
C. F.

6.ª . . . . C. IVLIVS NOVATVS
ENDOVELLICO
PRO SALVTE VIVENNIAE
VENVSTAE
MANILIAE SVAE
VOTVM SOLVIT

Esta inscripcion no está en Villaviciosa. Dice Resende que fue conducida desde Terenna al castello de la villa de Alandroal, á donde existia en su tiempo.

Inscripciones publicadas por Pastor.

1.ª . . . . ENDOVELLICO
SACRVM. MAR
CVS IVLIVS
PROCVLVS
ANIMO. LI
BENS VOTVM
SOLVIT

2.ª . . ENDOVELLICO SACRVM ANTONIA
L. MANLIO. L. A
SIGNVM ARGENTEVM.

3.ª . . DEO SANCTO ENDOVELLICO MVN
ANIMO LIBENS VOTVM SOLVIT

Las inscripciones que trahe Resende como existentes en un templo dedicado á la Diosa Proserpina, que reduce á la iglesia de Santiago, ya no existen, y solo en el portico de dicha iglesia hay una lapida con una inscripcion moderna

dedicada al Dios de los Dioses, que tiene apariencias de haber sido una de las que cita dicho Resende; y dice asi:

SOLI DEO
HONOR ET
GLORIA
IN SECVLA
SECVLORVM
AMEN
ΜΟΝΟΣ
ΟΘΕΟΣ
ΣΟΦΟΣ

Aqui me parece andubo la mano de Resende, y acaso el fue el que hizo borrar o recoger las inscripciones de Proserpina.

Grutero en el tomo 1.º pag. 87 trahe varias inscripciones dedicadas á Endovelico. La 9.ª, 10.ª, 11.ª, y 12.ª son tomadas de Resende. La 6.ª, y 7.ª son las que yo copié. La 8.ª me parece inedita, y es la siguiente:

ENDOVEL
SACRVM
ANTONIAL
MANLIOLA
E. V
SIGNVM ARGENTEVM

Las dos siguientes dice que las tomó de Escaligero.

DEO SANCT
O ENDOVEL
LICO. M.V.M.
ANIMO LIBE
NS VOTVM
SOLVIT

DEO ENDOVE
LICO SACRVM
BLANDVS SCAL
LIAE RVFINAE
SERVVS
A.L.V.S.

***